

# COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA PARA CRIANÇAS COM TEA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Keli dos Santos Guadagnino<sup>1</sup>; Aila Narene Dahwache Criado Rocha<sup>2</sup>  
keli.santos@unesp.br

<sup>1</sup>*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Filosofia e Ciências;* <sup>2</sup>*Departamento de Educação Especial, Faculdade de Filosofia e Ciências*

## Introdução

Os distintos saberes dos professores e profissionais da Educação, saberes da formação inicial, disciplinares, curriculares ou das experiências (Tardif, 2014) favorecem a aprendizagem da criança, que na fase da infância está em pleno processo de desenvolvimento de suas habilidades. Portanto é necessário percebê-la como um sujeito histórico e de direitos nesse processo, considerando as diferenças culturais e as particularidades que envolvem o seu desenvolvimento infantil (Brasil, 2009).

As crianças desde bem pequenas brincam e conseguem construir narrativas, por meio da mediação, das experiências e da interação nos diversos contextos que são incluídas. Nesse sentido, a participação delas em atividades de narração de histórias pode contribuir para a ampliação do vocabulário, também, propiciar a vivência no contexto cultural do idioma da sua comunidade (Deliberato & Adurens, 2019; Deliberato & Ferreira-Donati, 2020).

O foco deste estudo é a criança com TEA, dessa forma a intencionalidade pedagógica e o saber-fazer é primordial na mediação dos professores com suas respectivas crianças. Azanha (1998), destaca que dentre as dificuldades existentes na educação brasileira, o problema da formação de professores se destaca e parece nunca sair de pauta.

De acordo com Rocha *et al* (2018) para a sistematização de intervenções, é fundamental conhecer a percepção dos profissionais que trabalham com indivíduos com TEA a fim de instrumentalizá-los no aprimoramento de ações que estimulem suas habilidades e atendam integralmente suas necessidades.

Estudos tem identificado que a comunicação da criança com TEA é um dos aspectos principais em relação as dificuldades observadas e enfrentadas por professores. Deliberato, Adurens e Rocha (2021) destacam que nas situações lúdicas com as histórias, a criança com TEA pode manifestar habilidades de interação e de comunicação não percebidas pelo interlocutor. Ressaltam ainda que, a literatura tem discutido a importância de olhar e aceitar as diferentes manifestações de comunicação em função da diversidade de habilidades de cada pessoa com TEA.

As autoras salientam que a intencionalidade de uma comunicação pode dar-se por meio de inúmeras manifestações e não somente por meio da fala, tais como: choro, gestos, olhar, expressão corporal, entre outras possibilidades. Tais habilidades são de suma importância, embora seja necessário um sistema de representação compartilhado no meio social, para que as pessoas possam trocar informações e expressar-se de forma mais efetiva (Deliberato; Adurens; Rocha, 2021).

Comunicação Alternativa (CA) é um conjunto de recursos, estratégias, métodos e serviços utilizados para auxiliar indivíduos com necessidades complexas de comunicação a expressarem suas necessidades, pensamentos, desejos e sentimentos. Essas estratégias podem incluir o uso de sistemas de comunicação visual, gestos, símbolos, recursos de Tecnologia Assistiva e outras formas não convencionais de expressão comunicativa (Deliberato; Adurens Rocha, 2021)

A CA é especialmente relevante para pessoas com TEA, que podem enfrentar desafios significativos na comunicação verbal. Essas dificuldades podem variar desde atrasos no desenvolvimento da fala até a completa ausência de linguagem falada. Além disso, indivíduos com TEA podem apresentar dificuldades na compreensão da linguagem e na expressão de suas próprias ideias e necessidades. Nesse contexto, a CA surge como uma ferramenta crucial para promover a comunicação funcional e eficaz, permitindo que essas pessoas participem ativamente de interações sociais, atividades educacionais e outras esferas da vida cotidiana. Ao oferecer uma variedade de formas de expressão, a CA possibilita que cada indivíduo encontre um método que seja adequado às suas habilidades, preferências e necessidades específicas, contribuindo assim para o seu desenvolvimento e qualidade de vida (Deliberato; Adurens Rocha, 2021).

A compreensão do uso da CA por crianças com TEA em diferentes contextos é crucial para aprimorar as intervenções destinadas a melhorar suas habilidades de comunicação. A justificativa para este estudo baseia-se na necessidade de preencher lacunas de conhecimento identificadas na literatura, bem como nos interesses das autoras na temática.

A literatura existente destaca a importância da CA como uma ferramenta eficaz para auxiliar o desenvolvimento da comunicação em crianças com TEA. No entanto, ainda há questões a serem exploradas, como a eficácia da CA em diferentes ambientes e situações de interação, bem como a adaptação das estratégias de CA às necessidades individuais das crianças.

Além disso, a investigação sobre a utilização da CA por crianças com TEA pode fornecer conhecimentos valiosos para os profissionais que trabalham com esses indivíduos, permitindo-lhes orientar suas intervenções de maneira mais eficaz e fundamentada em evidências científicas.

Assim, a hipótese deste estudo é que a utilização da CA pode promover o desenvolvimento da comunicação em crianças com TEA, proporcionando-lhes meios alternativos e eficazes de expressão, interação e participação em diferentes contextos. A investigação dessas questões contribuirá para o avanço do conhecimento sobre a eficácia da CA como instrumento de intervenção para crianças com TEA e para o desenvolvimento de diretrizes práticas para profissionais que trabalham nessa área.

## **Objetivo**

O estudo teve como objetivo analisar por meio da literatura da área de Educação Especial, como a Comunicação Alternativa vem sendo utilizada com crianças com TEA.

## **Método**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de Revisão Integrativa da Literatura (RIL). A RIL é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resul-

tados de estudos significativos na prática. Tem como objetivos identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos, experimentais e não experimentais, para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A coleta de dados foi constituída pela busca de estudos que indiquem saberes, ações pedagógicas e a utilização da CA voltadas para contextos de aprendizagem da criança com TEA. As buscas foram realizadas na Revista Brasileira de Educação Especial, já que a princípio o foco da produção é nacional na área de Educação Especial.

Para padronização e organização dessas buscas foram utilizados os descritores: Comunicação Alternativa e Transtorno do Espectro Autista, esses descritores foram combinados com o descritor Criança, utilizando o operador Booleano AND, para que seja obtido um resultado mais específico. Não foi determinado um período específico para essas buscas, o período ficou geral, ou seja, em todo o periódico, com intuito de obter maior quantidade de pesquisas sobre o tema investigado.

Primeiramente foi estabelecido o filtro principal para seleção dos textos a serem analisados em sua íntegra, o título. Foram escolhidos estudos que continham em seus títulos as palavras-chave desta pesquisa. Após este momento foram encontrados sete artigos dos quais, após a leitura dos resumos quatro foram escolhidos e realizada a leitura na íntegra.

Os quatro textos também foram escolhidos com base nas questões norteadoras deste estudo: O que a literatura tem demonstrado sobre o uso da Comunicação Alternativa para as crianças com TEA? E qual o conhecimento dos professores que atuam com esse público em relação ao uso da CA?

Para a análise dos dados, foi elaborado um quadro sinóptico. No quadro foram incluídas as informações referentes aos autores, objetivo da pesquisa, tipo de comunicação alternativa utilizada, local e público-alvo do estudo.

## **Resultados e Discussão**

Com base nos critérios de seleção previamente descritos, inicialmente foram identificados 7 artigos, dentre estes foram escolhidos quatro artigos que contemplavam os critérios de inclusão deste estudo. Dois artigos demonstram as intervenções realizadas com as crianças com TEA, fazendo uso da CA, os outros dois artigos referem-se a formação de professores sobre o tema. A seguir, será apresentado um quadro sinóptico contendo as variáveis investigadas nos quatro estudos analisados, e separados conforme descrito acima: Intervenção e Formação.

Quadro 1 - Autores, objetivo da pesquisa, Tipo de Comunicação Alternativa, Local e Público- alvo do estudo

INTERVENÇÃO				
Autores	Objetivo da pesquisa	Tipo de CA	Local	Público-alvo do estudo
Deliberato, Adurens e Rocha (2021)	Descrever a mediação do adulto e as habilidades comunicativas de duas crianças com TEA, em situações lúdicas, por meio da narração de histórias.	Histórias adaptadas por meio Dos Sistemas Suplementares e Alternativos de Comunicação (Deliberato 2013).	Centro Especializado em Reabilitação nas áreas de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Psicologia.	Duas crianças com TEA: uma com 2 anos e 9 meses; e outra com 3 anos e 3 meses. Famílias e Profissionais: uma Psicóloga, uma Terapeuta Ocupacional e uma Fonoaudióloga.
Silva, Waltere Nunes (2019)	Verificar os efeitos da aplicação do Programa de Leitura e Comunicação para Crianças com Autismo  PROLECA (SILVA, 2018)	Roteiros/livretos com cartões pictográficos (CAA) com imagens do Google, livros contendo imagens coloridas e em preto em branco.  PEEP: suportes visuais (prompt/dicas, evaluate/ avaliação, expand/ expansão e praise/ elogio).	O estudo foi realizado no canto da leitura, espaço situado no Laboratório de Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa (LATECA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).	Uma criança com TEA (5 anos de idade), duas assistentes de pesquisa ( cursando Pedagogia) e a intervencionista e pesquisadora desse estudo.
FORMAÇÃO DE PROFESSORES				

Autores	Objetivo da pesquisa	Tipo de CA	Local	Público-alvo do estudo
Walter e Nunes (2013)	Relatar e discutir as necessidades e os desejos dos professores que atuam nas salas de recursos oferecendo o AEE, e que participam do processo de inclusão de alunos com TEA.	Formação de professores sobre Comunicação Alternativa e o uso do sistema PECS- Adaptado.  OBS: O Picture Exchange Communication System (PECS) é um sistema de comunicação que ressalta a relação interpessoal, em que ocorre um ato comunicativo entre o indivíduo com dificuldades de fala e um adulto, por meio de trocas de figuras. Que no Brasil, traduz-se em um Sistema de Comunicação por Troca de Figuras.	A formação dos professores foi Realizada no auditório do Instituto Helena Antipoff (IHA).	30 professores do AEE atuantes na sala de recursos multifuncionais; um responsável da equipe do Instituto Helena Antipoff – IHA, órgão responsável pela Educação Especial do município do Rio de Janeiro.  Foco no aluno com TEA.

Passerino, Bez e Vicari (2013)	Apresentar os Resultados do projeto SCALA (2009-2013) no que se refere à formação de professores para utilização da CA em sujeitos com TEA.	SCALA – Sistema De Comunicação Alternativa para Letramento de crianças com Autismo.  OBS: O sistema SCALA tem um programa de computador composto por três módulos: prancha, narrativas virtuais e comunicação livre.	Modalidade semipresencial, com apoio de recursos digitais.  OBS: Foi Contemplada a Abordagem do Desenvolvimento Centrado em Contextos A partir da construção de um portfólio digital com videoconferências semanais e encontros presenciais mensais.	Professores especialistas em Educação Especial e 40 professores de sala regular.
--------------------------------	---	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

No primeiro estudo abordado, e mais atual dentre os selecionados, as autoras Deliberato, Adurens e Rocha (2021) tiveram como objetivo, descrever a mediação do adulto e as habilidades comunicativas de duas crianças com TEA, em situações lúdicas, por meio da narração de histórias. Neste trabalho os recursos de CA foram utilizados para colaborar no suporte para o desenvolvimento do discurso narrativo.

Após as análises das intervenções realizadas, foram identificadas categorias e subcategorias e organizadas a partir do objeto de interesse do estudo. Categoria A - Mediação do adulto: conforme descrevem as autoras, é toda ação realizada pelos interlocutores para auxiliar as crianças durante a realização das atividades. Subcategorias: Modelação; Questionamento; e Uso de sistemas alternativos de comunicação. Categoria B - Habilidades de expressão: de acordo com as autoras, é toda possibilidade das crianças de interagir no momento das atividades propostas com intencionalidade de compartilhar com o interlocutor. Subcategorias: Expressão verbal e vocal; Expressão não verbal e vocal; Expressão não verbal e não vocal; e Expressões combinadas (Deliberato; Adurens; Rocha, 2021).

A pesquisa mostrou que o uso da narração pode ser um caminho importante para as crianças com TEA no que diz respeito à interação e à comunicação. As autoras ressaltam que a narração de histórias foi um instrumento importante para a mediação dos interlocutores com as crianças e de suas estratégias para favorecer a participação das crianças durante a atividade, além de favorecer a ampliação das habilidades de comunicação durante o programa realizado (Deliberato; Adurens; Rocha, 2021).

Outro aspecto relevante nesta pesquisa foi que as famílias e os professores foram orientados em relação às atividades, aos recursos (entre eles a CA) e às estratégias que poderiam ser realizadas em continuidade ao programa.

Destaca-se também a intervenção clínica em uma perspectiva colaborativa, envolvendo família e escola. As discussões a respeito da narração de histórias e das histórias sociais para as crianças com TEA devem ser sistematizadas na rotina escolar, principalmente na Educação Infantil, fazendo parcerias com a área da Saúde e seus profissionais.

No segundo estudo Silva, Walter e Nunes (2019) realizaram uma pesquisa experimental intrasujeito com delineamento de retirada conduzida com o propósito de averiguar os efeitos da aplicação do Programa de Leitura e Comunicação para Crianças com Autismo (PROLECA) em um menino não verbal de cinco anos de idade.

O programa teve como estratégias: livro à vista da criança no momento da leitura, formulação de roteiro de perguntas, expansão do vocabulário, PEEP hierárquico, elogio, atenção compartilhada, pausa intencional, perguntas, identificação emocional, final aberto, dramatização, onomatopeia e entonação.

Tiveram como variável independente deste estudo a introdução de um conjunto de estratégias do PROLECA pela intervencionista, e as variáveis dependentes foram o número de ocorrências de respostas fora da tarefa de leitura, atenção direcionada, das formas de respostas comunicativas espontâneas da criança durante a leitura e das respostas da criança quanto à utilização dos níveis do PEEP.

O PEEP são as hierarquias de dicas e suportes visuais (prompt/dicas, evaluate/avaliação, expand/expansão e praise/elogio). O PEEP ocorre após a formulação da pergunta pelo adulto, ou seja, a cada questão realizada pelo contador da história, um nível de ajuda é ofertado para que a criança possa responder, a saber: a) nível I – sem ajuda visual; b) nível II – com três suportes de ajuda visual, c) nível III – com dois suportes de ajuda visual e d) nível IV – com um suporte de ajuda visual (Silva; Walter; Nunes, 2019).

Neste estudo a pesquisadora iniciava a leitura do livro, intercalando com perguntas de identificação emocional (exemplo: “como João se sente?”), Perguntas “Qu” (exemplo: “o que João comprou?”) e de final aberto (exemplo: “o que você vê nessa página?”), avaliando em um intervalo de 5 segundos a resposta dada pela criança. Se ela respondesse corretamente, a pesquisadora parafraseava a sua resposta, com expansão do vocabulário, seguidos de elogios pelo acerto (exemplo: “João! João, amigo do cachorro. Muito bem!”). Caso a criança não respondesse ou respondesse incorretamente, as hierarquias de correção do PEEP eram utilizadas pela pesquisadora (Silva; Walter; Nunes, 2019).

Ressalta-se na pesquisa que as estratégias de contação de história como dramatização (adaptação da história à forma dramática), onomatopeia (quando algumas palavras lidas na história são substituídas pelo som representativo da imagem) e entonação (expressividade específica na fala) eram usadas durante as leituras (Silva; Walter; Nunes, 2019).

De forma geral, o estudo de Silva, Walter e Nunes (2019) sinalizou que o programa pôde favorecer o interesse e o engajamento da criança com TEA em permanecer na tarefa, bem como em estabelecer atenção direcionada.

No terceiro estudo, já entrando na temática da formação de professores, Walter e Nunes (2013) tiveram como objetivos relatar e discutir as necessidades e os desejos dos professores que atuam nas salas de recursos oferecendo o Atendimento Educacional Especializado (AEE), e que participam do processo de inclusão de alunos com TEA.

A pesquisa descreveu uma das etapas de um projeto de CA para alunos com TEA no contexto escolar. Os dados foram coletados por meio de um curso de formação de professores. No início e ao final do curso foi aplicado um questionário com o propósito de obter informações dos professores acerca da CA e de suas necessidades em sala de aula com alunos com TEA.

A partir das perguntas norteadoras e das análises dos dados as autoras identificaram quatro grandes categorias, a saber: Dificuldades com alunos incluídos apontadas pelos professores em sala de aula; Viabilidade da aplicação do PECS-Adaptado em sala de aula; Quem deve ficar responsável pela coordenação do programa de CA na escola regular? Quem deve ficar responsável pela confecção dos materiais e revisão do vocabulário? (Walter; Nunes, 2013).

Os resultados demonstraram que a maioria dos professores apresentaram dificuldades referentes à comunicação dos alunos, dificuldades em relação a dialogar, compreender e se fazer entender. Assim como, dificuldade na relação família-escola-aluno; falta de recursos tecnológicos; quantidade de alunos em sala de aula; na interação social; comportamentos inadequados; falta de conhecimento das técnicas; dentre outros (Walter; Nunes, 2013).

Pode-se perceber nos resultados deste estudo que, mesmo que de forma superficial, alguns conceitos sobre a CA já eram dominados pelos professores antes mesmo de receberem a formação. Esse fator é favorecedor, mas não é suficiente levando em consideração a especificidade da criança com TEA. Nesse sentido a formação vem aprofundar e contribuir para a aquisição do conhecimento sobre a temática: inclusão de alunos com TEA e o uso da CA.

O estudo constatou que a maioria dos professores acreditam muito na viabilidade de se utilizar o PECS-Adaptado em sala de aula regular. Também que os participantes, de forma geral, propuseram que os professores especializados das salas de AEE se responsabilizassem pela coordenação do Programa de Comunicação Alternativa – ProCA na escola regular. Segundo eles, o ProCA deve ser utilizado apenas quando os alunos apresentarem dificuldades severas na fala, inicialmente na sala do AEE e posteriormente, na sala regular. Solicitaram igualmente a diminuição da quantidade de alunos em sala de aula e a reestruturação da sala de aula (Walter; Nunes, 2013).

Nesse sentido, por um lado pensando na dificuldade maior dos professores de sala regular, foi identificado nos resultados acima uma fala comum entre os docentes, a de que a criança com TEA, deve ter maior apoio no AEE com seus respectivos professores da sala de recursos, tendo maior responsabilidades educacionais sobre elas.

Por outro lado, esse discurso não cabe mais nos tempos atuais, estudos apontam que a demanda de crianças com TEA vêm crescendo dia a dia nas escolas (Lemos et al., 2016; Sanini, Sifuentes, & Bosa, 2013; Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020). Compactuamos com a ideia de que a formação deve ser para todos os professores e profissionais que atendam crianças com TEA, mas, principalmente, para que os docentes da sala regular consigam trabalhar com esse público, sem receios, com intencionalidade pedagógica e tendo propriedade em suas ações, propondo melhores resultados no desenvolvimento da criança com TEA, pois é nesse ambiente que elas passam a maior parte do tempo, e que vivenciam novas experiências no contexto escolar.

Os resultados deste estudo indicaram a importância de possibilitar uma escuta atenta aos professores, de ouvir sobre suas necessidades, e ao mesmo tempo a necessidade de promover melhor articulação entre professores regentes da sala regular e professores especializados que atuam nas salas de recursos.

No quarto e último estudo aqui abordado, Passerino, Bez e Vicari (2013) apresentaram um recorte do projeto de pesquisa SCALA – Sistema de Comunicação Alternativa para Letramento de crianças

com Autismo. Foram realizadas formações para docentes de sala regular e de AEE. Durante a formação foram discutidos aspectos importantes referentes à formação de professores para atuarem com pessoas com TEA não oralizadas no seu desenvolvimento sócio-cognitivo.

A partir da CA, discutiu-se a inserção no espaço educativo para utilização com crianças com TEA. Abordando a questão da formação específica de professores, trazendo para discussão aspectos vinculados com a atual política governamental na questão de formação de professores (Passerino; Bez; Vicari, 2013).

As autoras desde 2009, quando se iniciou o desenvolvimento do Sistema de Comunicação Alternativa para Letramento de crianças com Autismo (SCALA), visaram desenvolver um sistema de CA que incluía um programa de computador, também, uma metodologia de uso no intuito de apoiar o processo de desenvolvimento da linguagem de crianças com TEA que apresentassem déficits na comunicação oral (Passerino; Bez; Vicari, 2013).

O sistema SCALA tem um programa de computador composto por três módulos: prancha, narrativas virtuais e comunicação livre. No módulo prancha é possível construir pranchas de comunicação, no módulo narrativas visuais pode-se preparar histórias e no módulo de comunicação livre se dá a conversa através de um chat. Todos esses módulos foram conteúdos abordados durante a formação desses professores, para que pudessem conhecer o sistema e disponibilizados para aplicar com seus respectivos alunos com TEA.

A proposta metodológica abordada na formação proporcionou condições para elaboração de intervenções através de ações mediadoras. As professoras elaboraram o perfil sócio-histórico das crianças, sociograma e perfil do contexto da sala de aula. Com a montagem e análise dos perfis elaborados, foram estruturadas ações mediadoras em conjunto, e estas, após as intervenções, relatavam seus resultados e traziam novos questionamentos a serem pensados, assim novas estratégias de intervenções eram estruturadas durante as formações (Passerino; Bez; Vicari, 2013).

Neste estudo o que chama atenção é que a grande maioria dos professores, assim como, apontou a pesquisa de Scheneider e Passerino (2010), cujos resultados mostram que a comunidade escolar, em geral, desconhece os materiais disponíveis nas salas de recursos, pelos motivos mais diversos (falta de informação, desinteresse, entre outros).

Nesse sentido, percebe-se que na maioria dos casos, os professores se interessam em conhecer apenas quando um aluno com necessidades educacionais específicas é incluído na sua sala. Este fato mostra que, a formação inicial de professores não atende às necessidades de formação necessárias para que estes saibam como proceder com a diversidade em sala de aula.

É possível constatar nesse estudo que as formações apresentadas levaram em conta tanto o sujeito como os contextos, e exigiu grande envolvimento dos formadores não na preparação de conteúdo, mas no acompanhamento e seleção de recursos e materiais que apoiassem uma formação mais aberta, não centrada em conteúdo e sim na relação contexto- sujeito (Passerino; Bez; Vicari, 2013).

## Conclusão

Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar, por meio da literatura da área de Educação Especial, como a Comunicação Alternativa vem sendo utilizada com crianças com TEA. Os estudos examinados

revelaram um aumento significativo na demanda por serviços educacionais para crianças com TEA no contexto escolar. Embora a literatura sobre a aquisição e o desenvolvimento da narrativa em crianças com TEA seja limitada, as pesquisas de intervenção investigadas destacam o potencial da leitura e da narração como ferramentas importantes para melhorar a interação e a comunicação dessas crianças.

As pesquisas que ressaltaram a questão da formação de professores para atuarem com crianças com TEA, vem reafirmar as necessidades e anseios dos professores, bem como, de reorganização das ações e planejamento pensando nas especificidades das crianças. Tais questões se referem a profissionalidade docente, diz respeito ao desempenho, valores e intenções que regem o processo de ensinar, e os objetivos que os professores almejam desenvolver no exercício da profissão, traduzindo a forma de conceber e viver o trabalho concretamente.

Conclui-se, portanto, que há uma lacuna significativa na literatura nacional sobre essa temática, evidenciando a necessidade de mais pesquisas que investiguem e desenvolvam programas de intervenção eficazes, com ênfase no uso da CA, para promover a comunicação de crianças com TEA. Esses esforços são fundamentais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade, para todas as crianças independentemente de suas necessidades individuais.

## Referências

AZANHA, José Mário Pires. Comentários Sobre a Formação de Professores em São Paulo. *In: Formação de Professores/ organizadores*: Serbino, R. V. [et al]. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Seminários e Debates).

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 5/2009**, de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – CEB. Dez. 2009.

DELIBERATO, Débora.; ADURENS, Fernanda Delai Luca. (2019). Tecnologia assistiva: comunicação alternativa no conto e relato de história na escola. In W. D. Guilherme (Org.), Educação Inclusiva e Contexto Social: **Questões Contemporâneas**. Atena Editora. 2019. p. 249-259.

DELIBERATO, Débora.; DONATI, Grace Cristina Ferreira. Narração de histórias: recursos e estratégias com a comunicação alternativa. In: C. A. S. Azoni, & J. O. Lira (org.), **Estratégias e orientações em linguagem**: um guia em tempos de COVID 19 [recurso eletrônico]. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2020. p. 88-99.

DELIBERATO, Débora; ADURENS, Fernanda Delai Lucas; ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado. Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto. **Revista Brasileira Educação Especial**. Bauru, v.27, e0128p.73-88, Jan.- Dez., 2021.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AQUINO, Fabíola de Souza Braz; S. B; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Revista de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 351-361, 2016.

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Revista Brasileira Educação Especial**. Bauru, v.27, e0212, p.655-672, 2021.

PASSERINO, Liliana Maria; BEZ, Maria Rosângela; VICARI, Rosa Maria. Formação de Professores em Comunicação Alternativa para crianças com TEA: contextos em ação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 619-638, set./dez. 2013.

ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado. CAPOBIANCO, Nadine Aparecida Nogueira. BRITO, Luana Borges. SANTOS, Andréa Rizzo. Intervenção junto a indivíduos com transtorno do espectro do autismo: a percepção do profissional. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p. 417-430, abri./jun. 2018.

SANINI, C.; Sifuentes, M.; BOSA, C. A. Competência social e autismo: o papel do contexto da brincadeira com pares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 99-105, 2013.

SCHNEIDER, F. C. ; PASSERINO, Liliana. Maria. Ser frequentador de uma sala de integração e recursos. In: VI SEPESQ - UNIRITTER: Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, Sepesq, 2010, p. 1-10.

SILVA, Stefhanny Pauliminytrick Nascimento; WALTER, Catia Crivelenti de Figueiredo; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. Avaliação dos efeitos de um Programa de Leitura e Comunicação para crianças com autismo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32. 2019.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. Comunicação alternativa para alunos com Autismo no ensino regular. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 587-602, set./dez. 2013.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szarecki; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2020, v. 24.